

À (Re)Descoberta de um Karl Marx Vitoriano e de um Legado Marxiano na Arte e na Política Britânicas

PAULA ALEXANDRA GUIMARÃES

UNIVERSIDADE DO MINHO (ILCH / CEHUM)

paulag@ilch.uminho.pt

Em 1849, Karl Marx exilou-se na Inglaterra vitoriana (Londres), onde permaneceu até à sua morte (1883). Analisamos o impacto desta estadia improvável, o seu interesse precoce pela literatura e o seu rico legado na política, na literatura e nas artes do país que o recebeu. Comparamos a sua obra, sobretudo *O Capital* (1867), à dos romancistas ingleses (incluindo Dickens e Gaskell), influenciadas pelos *blue books* e pelas ideias dos economistas políticos. Descrevemos o seu contacto com figuras políticas radicais, como Ernest Jones e Julian Harney, e a sua participação ativa na luta de classes em Inglaterra. Afloramos as suas relações com o socialismo utópico de Robert Owen e William Morris, assim como o legado invulgar da sua filha inglesa Eleanor Marx.

Palavras-chave: Marx, vitoriano, literatura, arte, política

Nascido, há duzentos anos, numa família da burguesia prussiana, o universitário culto de nome Karl Heinrich Marx viria, pouco depois, a casar com uma jovem da nobreza alemã;¹ e, nos primeiros tempos, levaria uma vida desafogada, contactando pouco com a classe operária emergente e suas terríveis condições. Embora produto de uma geração pós-napoleónica, influenciada pelas reflexões históricas de Hegel, o jovem Marx não revelou interesse pela economia política ou pelo materialismo. Mas, como um judeu entre protestantes, foi alguém marcado desde logo pela diferença; e, pouco depois, um eternamente deslocado – sujeito a vários exílios na França, Bélgica e Inglaterra, tornando-se um filósofo errante e um ativista na pobreza.² Contra todas as expectativas, Marx ou ‘Mouro’, como era conhecido, residiu na Londres vitoriana – a primeira metrópole capitalista – durante trinta e quatro longos anos, dez dos quais em condições de saúde delicadas (morreria tuberculoso). Apesar de lhe terem negado a naturalidade britânica, Marx jaz no cemitério de Highgate (na área reservada aos banidos e rejeitados pela igreja anglicana) para toda a eternidade, já que a sua pátria nunca o reclamou. A sua foi, assim, uma vida feita de contrastes e, nalguns casos, contradições marcantes, as quais refletem em parte o seu tempo. Neste texto, foco-me no impacto que o último, e mais longo, dos seus três exílios – a sua permanência em Londres com a sua família, desde finais de 1849 até à sua morte em 1883 – teve na sua obra e, também, na arte e na política britânicas.

A primeira questão a colocar é ‘porquê Londres?’ Esta metrópole vitoriana cosmopolita facultava à época – nas décadas de 40 a 50 – não apenas um refúgio seguro para um grande número de refugiados políticos de diferentes proveniências (particularmente, aqueles que fugiam das revoluções europeias falhadas de 1848), mas a cidade era também um excelente ponto de observação para quem quisesse estudar ou envolver-se de muito perto com a sociedade capitalista mais avançada da época. Para além de Londres possuir um grande fascínio para Marx, pelo seu

¹ Karl Marx nasceu em Trier, Prússia (Alemanha), a 5 de maio de 1818. Estudou inicialmente Direito na Universidade de Bona e, depois, Filosofia na Universidade de Berlim (onde se alinhou com os ‘hegelianos de esquerda’). Doutorou-se em Jena, em 1841, com uma tese sobre as *Diferenças da Filosofia da Natureza em Demócrito e Epicuro*. Ver Berlin (1839) e G.S. Jones (2016).

² Em 1843, Marx emigrou para Paris acompanhado da mulher. Expulso de França, pouco depois, instalou-se em Bruxelas. Quando em França estalava, em 1848, uma revolução, o governo belga expulsou Marx de Bruxelas. Este regressa a Colónia, mas enfrenta graves problemas financeiros. Após uma breve passagem por Paris, refugia-se por fim em Londres, onde fixa residência. Ver Ashton (1986), Lattek (2006) e Glover (2012).

misto de desafio e de estímulo, era também nessa cidade que, então, residia o seu melhor amigo e mais próximo colaborador, Friedrich Engels (1820-1895).³ Este jovem empresário industrial, com fortes preocupações sociais, iria conceder-lhe um apoio incansável, sobretudo do ponto de vista económico; inicialmente, os Marx viviam no limiar da miséria, tendo sido despejados de Dean Street, no Soho; mas, mais desafogados devido a uma herança, mudaram-se em 1856 para Grafton Terrace, em Kentish Town. Infelizmente, Marx ver-se-ia obrigado a ganhar a vida como jornalista a soldo, pois não conseguiu encontrar uma posição à sua altura, como académico; escrevia artigos sobre política externa para jornais norte-americanos, tendo trabalhado como correspondente para o *New York Daily Tribune* (1852-62).⁴

Por essa altura, entre 1846 e 1848, os primeiros esforços para a criação de organizações internacionais de trabalhadores – nomeadamente, a Liga dos Justos e a Liga Comunista – estavam a ser levados a cabo precisamente em Londres. A Primeira Internacional, da qual Marx veio a ser o líder, tinha sido preparada por iniciativas anteriores de ativistas Cartistas como Ernest Jones e Julian Harney, os quais se tinham juntado aos refugiados políticos europeus, como Wilhelm Weitling e Karl Schapper, no seio da organização então conhecida como ‘Democratas Fraternos’. A par desta intensa atividade política, que o colocou na vanguarda dos movimentos radicais do seu tempo, o primeiro gesto de Marx foi conseguir o estatuto de leitor regular que lhe daria acesso à famosa Sala de Leitura da Biblioteca Britânica, onde se juntaria a outras figuras mediáticas, como Carlyle, Thackeray, Dickens e Ruskin. Tendo dedicado os primeiros meses a consultar *The Economist* (jornal que começara a ser impresso em 1843), Marx absorveu também a literatura dos ‘talentos locais’, consumindo vorazmente as obras de Shakespeare, Milton, Defoe e Dickens. E, tal como Dickens e Ruskin, também ele mergulhou nos ‘livros azuis’, extraindo destes volumosos relatórios governamentais informações que lhe seriam preciosas – sobre o deficitário saneamento básico, as deploráveis condições fabris e o flagelo da prostituição.

Marx, cujo domínio da língua inglesa em 1853 era já bastante razoável para poder redigir artigos, foi inexplicavelmente descrito por alguns autores (por exemplo, Isaah Berlin, 1948) como possuindo poucos contactos entre a população nativa e conhecendo o país apenas superficialmente. O seu meio social consistiria inteiramente de comunidades emigradas alemãs e as suas energias políticas teriam um foco continental – combater o anarquismo francês e russo e construir o socialismo na Alemanha. Pensam, assim, que Marx não teria sido afetado pela sua envolvimento, vivendo isolado no seu próprio mundo, em grande parte alemão. Mas, tal como Gareth Stedman Jones, um estudioso da vida da classe trabalhadora na Londres vitoriana, argumenta na sua biografia *Karl Marx: Grandeza e Ilusão*, o Marx que foi ‘construído’ no século XX tinha apenas uma semelhança accidental com o Marx que viveu no século XIX, e que não lidamos com um ícone marmóreo, mas com um ser humano, um pensador, na sua passagem por um mundo hostil e em transformação. E, como veremos, existem muitas ligações concetuais e

³ Filho de um industrial de Barmen, Friedrich Engels tinha sido enviado para Manchester, aos 22 anos de idade, para gerir a fábrica de fiação Victoria Mill, de Ermen e Engels, em Weaste, tendo ficado impressionado com a miséria em que viviam os trabalhadores fabris. Mas foi um dos seus primeiros artigos sobre economia política que direcionou a atenção de Marx. O livro de Engels de 1845, *A Condição da Classe Trabalhadora na Inglaterra*, levou-o a conceber a dialética histórica em termos de conflito de classes. Depois disso, Marx e Engels trabalharam sempre juntos até ao fim da vida. Ver Hobsbawm (1964) e Briggs and Callow (2008).

⁴ Os seus artigos publicados no *Tribune*, à época o jornal de maior circulação do mundo, procuravam explicar a política e a sociedade britânicas a um público norte-americano e, como tal, cobriam várias matérias: alta política, condições económicas e questões sociais e culturais mais amplas. Ver G.S. Jones (2016).

históricas entre a vida e a obra de Marx, por um lado, e a política e a cultura na Grã-Bretanha do século XIX, por outro.

Um lado importante de Marx que, desde logo, sobressai e que os historiadores não exploraram suficientemente, é referido no livro *Marxismo e Literatura* – a sua surpreendente faceta literária:

As obras de Karl Marx, ele próprio, na juventude, autor de poesia lírica, de um fragmento de um drama em verso e de um romance cómico incompleto [...], são adornadas com conceitos e alusões literárias; escreveu um volumoso manuscrito inédito sobre arte e religião e planeava uma revista de crítica teatral, um estudo completo sobre Balzac e um tratado de estética.

A arte e a literatura faziam parte do próprio ar que Marx respirava, como intelectual alemão fantasticamente culto dentro da grande tradição clássica da sua sociedade. Os seus conhecimentos de literatura, [...], eram de uma amplitude desconcertante; era um frequentador inveterado dos teatros, declamador de poesia, devorador de toda a espécie de arte literária, da prosa augustana às baladas industriais. Numa carta à Engels, descreveu as suas próprias obras como formando um ‘todo artístico’ e era escrupulosamente sensível às questões de estilo literário, a começar pelo seu; [...] Para além disso, pode detetar-se o peso de conceitos estéticos por detrás de algumas das categorias mais centrais do pensamento económico que utiliza na sua obra da maturidade. (Eagleton, 1978: 13-14)

A poesia, em particular, é um lado muito pouco conhecido da vasta obra de Marx; os poemas da sua autoria só vieram a lume a partir da década de trinta do século XX, tendo permanecido no esquecimento a partir da década de oitenta. E estes são poemas geralmente longos, de um lirismo exaltado e idealista, os quais estão marcados pelas formas poéticas tradicionais da literatura alemã, tal como as baladas e as narrativas em verso. Neste género literário, destacam-se as suas coleções intituladas *Ao Pai* (*An den Vater*), *Livro do Amor* (*Buch der Liebe*) e *Livro das Canções* (*Buch der Lieder*), as quais revelam uma considerável ambição poética. Marx também teria traduzido uma elegia retirada de *Libri Tristium* (*Livros da Tristeza*) do poeta latino Ovídio; e escreveu, ainda, quatro sonetos de amor dedicados à sua esposa, Jenny von Westphalen; e, por fim, Marx gostava também de escrever epigramas, que são pequenas composições satíricas. Além disso, encontramos nos seus textos políticos e filosóficos passagens recheadas de poesia, de sensibilidade estética, de imagens poderosas que potenciam o seu importante legado intelectual. As suas imagens poéticas nascem das entranhas do real, da realidade áspera que exige uma escrita igualmente áspera: quer nos poemas juvenis quer nos densos trabalhos teóricos, culminando com *O Capital* (1867), o poético não é algo de acessório, mas o recurso necessário para ilustrar os conflitos históricos.

Já as experiências de Marx na esfera do romance, o género por excelência do período oitocentista, resumiram-se a *Scorpion e Felix. Um Romance Humorístico* (1837), que é uma ficção narrada na primeira pessoa, muito ao estilo de *Tristram Shandy* de Laurence Sterne.⁵ Contendo três personagens principais, Felix, Scorpion e Merten, é uma busca de origens diferidas, que é contada auto-reflexivamente no tempo presente; o enredo abrange o relato das suas próprias origens – genealógicas e literárias. E Marx encontra o seu habitat literário no terreno da sátira, o mais adequado para aqueles que desejam realizar a crítica social: a ironia e a capacidade de ridicularizar situações sociais, expondo o que existe de trágico e de absurdo na realidade. Foi este carácter satírico que permitiu a Marx saltar com ferocidade sobre a figura do burguês; e é o que observamos, por exemplo, no *Manifesto Comunista* (1848), quando a figura de um motor é usada para representar o papel da luta de classes no movimento da história. Já nos seus *Manuscritos Económicos e Filosóficos* (1844), Marx demonstra que a origem do estético se encontra na

⁵ Radicalmente experimental para a época, *Tristram Shandy* (1759-69) assemelha-se a um romance moderno de vanguarda, mas integra-se na linha satírico-filosófica das narrativas de Rabelais e Cervantes. Sobre Marx e a literatura mundial ver Praver (1976).

complexa relação dialética entre sujeito e objeto, já que a arte também é trabalho.⁶ Ao expor com precisão histórica os mecanismos de exploração do capital, Marx desenvolve uma sátira em que o dinheiro se apresenta como a metáfora da desumanização; trata-se de um mundo antipoético, no qual os objetos criados pelo homem dominam o próprio homem. É, pois, com extrema sensibilidade literária que Marx nos fala de uma realidade fantasmagórica em que a mercadoria enfeitiça os seres humanos explorados. Com a sua veia poética, Marx mostra-nos aquilo que todo o poeta deveria saber – que o trabalho que aliena o homem é o maior inimigo da poesia.

Tanto Marx como Engels fizeram amplo uso dos tesouros da literatura mundial nos seus textos, incluindo referências e citações diretas a figuras literárias e mitológicas (assim como aforismos e comparações), e apreciavam sobretudo as obras dos românticos revolucionários de segunda geração, como George G. Byron (1788-1824) e Percy B. Shelley (1792-1822).⁷ Este último, em particular, tinha defendido as causas libertárias mais radicais do seu tempo, como se verifica na sua *Ode à Liberdade*, especialmente dedicada aos levantamentos liberalistas e constitucionalistas do sul da Europa (1818-20), representando talvez para Marx um prenúncio das futuras revoluções republicanas que enfraqueceriam as monarquias absolutas:

Um povo glorioso fez vibrar novamente
A luz das nações: A Liberdade
De coração para coração, de torre para torre, sobre Espanha,
Espalhando fogo contagioso no céu,
Brilhou. A minha alma rejeitou as correntes do seu desalento
E nas rápidas plumas da música
Vestiu-se sublime e forte,
[...] (I, 1-7)

Marx e Engels mantiveram ligações estreitas com muitos outros escritores revolucionários ingleses, em particular com o importante líder cartista Ernest Jones (1819-1869).⁸ Em 1845, este leu pela primeira vez o semanário cartista, *Northern Star*, e descobriu que os princípios políticos aí defendidos se harmonizavam com os seus.⁹ Mas, embora as primeiras declarações políticas de Jones tenham sido as do Cartismo *mainstream*, foi sobretudo como poeta e versificador que ele se tornou conhecido a nível nacional. Uma coleção de poemas, as *Canções Cartistas*, tinha sido publicada em agosto de 1846, e muitos versos aí contidos eram recitados e cantados por toda a Grã-Bretanha laboral.¹⁰ Mas mais próximo de Jones estaria George Julian Harney (1817-1897), uma destacada figura do movimento operário inglês, um dos dirigentes da ala esquerda cartista e chefe de redação de vários jornais cartistas, de quem Marx era também

⁶ Como é sabido, Marx e Engels propuseram uma explicação materialista para a origem do próprio sentido estético. Eles notaram que as capacidades artísticas foram sempre o resultado do trabalho do homem. Ver Alizadeh (2017).

⁷ Marx e Engels estabeleciam uma distinção entre o romantismo revolucionário, que rejeitava o capitalismo e lutava pelo futuro, e o romantismo reacionário que só olhava para o passado. Ver Alizadeh (2017).

⁸ Existem na vida de Jones afinidades surpreendentes com Marx e Engels: para além de ter nascido em Berlim e vivido na Alemanha até aos 19 anos de idade, usufruiu também de uma excelente educação.

⁹ O Cartismo foi um movimento com picos de atividade em 1839, 1842 e 1848, que exigia, entre outros direitos políticos, o sufrágio universal masculino. Teve como principal base a Carta escrita pelos radicais William Lovett e Feargus O'Connor em 1838, intitulada *Carta do Povo*, que foi submetida três vezes ao Parlamento Inglês, sem sucesso. Ver Hovell (1966).

¹⁰ Em janeiro de 1846, Ernest Jones iniciou o movimento que o levou da cena literária londrina para o centro do movimento cartista. A poesia cartista da década de 1840 foi uma apropriação popular do Romantismo inglês, e especificamente da obra de Byron e Shelley. Os poemas de Jones apresentavam uma versão muito particular da luta de classes: uma visão evangélica e melodramática da história, em vez do apelo à solidariedade de classe.

amigo.¹¹ E foi por intermédio de Harney que Jones conheceu Friedrich Engels e depois Karl Marx, os quais tiveram uma influência considerável no seu pensamento político. No início de 1848, Jones era já uma das principais figuras do movimento: tinha sido candidato às eleições gerais de julho de 1847 e, aquando da revolução em Paris, em fevereiro de 1848, despertou a imaginação de radicais britânicos e irlandeses; Jones foi um dos três delegados a dirigir-se ao presidente do governo provisório de Paris, local onde se encontrou novamente com Marx. Foi o principal orador na grande manifestação de 10 de abril em Kennington Common – a preparação para a apresentação da terceira petição nacional cartista. Eloquente e carismático, Jones seria detido em Manchester, em junho de 1848, pelo governo Whig, acusado de comportamento ilegal, e sentenciado a dois anos de prisão. Os seus diários e jornais da década de 1850, sobretudo as *Notas ao Povo* (1851-2) e *O Jornal do Povo* (1852-18), para os quais Marx terá contribuído com alguns artigos, oferecem informações essenciais sobre a política radical desta última década do cartismo.¹² Mas o internacionalismo de Jones, partilhado em larga medida por Marx, permaneceu vigoroso e o seu contributo mais importante verificou-se nos movimentos que levaram à segunda Reforma parlamentar de 1867.

Jones era alguém que Marx respeitava e cujos conselhos às vezes solicitava. Da mesma forma, os melhores poemas de Ernest Jones, escritos no final da década de 1840, mostram bem a influência que as ideias de Marx e de Engels tiveram nele. Em particular, *The New World* (1851), o seu longo poema épico composto na prisão, sugere uma primeira exploração poética do materialismo histórico marxista. Engels continuaria, nas décadas tardias de 1880 e 1890, a acompanhar de perto os escritos revolucionários daqueles autores ingleses que eram ideologicamente próximos do movimento socialista inglês, tal como a ativista e romancista Margaret Harkness e o biólogo e teatrólogo Edward Aveling.¹³

Ao que parece, Marx descreveu ainda os escritores realistas ingleses – Dickens, Thackeray, as Brontës e Gaskell – como uma ‘brilhante plêiade de romancistas’, cujas páginas ‘gráficas e eloquentes’ deram ao mundo ‘mais verdades políticas e sociais do que as proferidas por todos os outros – políticos, publicistas e moralistas – juntos’.¹⁴ Coincidentemente, *Mary Barton: Um Conto da Vida em Manchester* de Elizabeth Gaskell foi escrito em 1848,¹⁵ no mesmo

¹¹ George Julian Harney era um radical mais comprometido e ardente, tendo cumprido três penas de prisão. Harney fundou a Associação Democrática de Londres, que atraiu milhares de trabalhadores. Mesmo após o colapso do movimento cartista, Harney permaneceu um ativista militante, tornando-se um dos primeiros ingleses convertidos ao marxismo. Ver Pierson (1973).

¹² Marx apoiou ativamente os jornais de Jones, contribuindo com cerca de 30 artigos, alguns deles escritos em conjunto. Esta parceria política e jornalística colocou Marx num novo contexto intelectual, onde terá sido diretamente influenciado pelas ideias e visões do mundo de Jones.

¹³ Harkness (1854-1923) foi membro da SDF, tendo escrito vários artigos para jornais socialistas e publicado vários romances realistas sobre a classe trabalhadora, incluindo *a City Girl* (1887), *Out of Work* (1888) e *In Darkest London* (1889). Ficou conhecida sobretudo por ter recebido a famosa carta de Engels, na qual ele explica a sua noção de ‘realismo literário’. Aveling (1849-1898) foi um popular porta-voz do evolucionismo e do ateísmo, membro fundador da Liga Socialista e do Partido Trabalhista independente, assim como dramaturgo. Tentou fundar, juntamente com Engels, um novo Partido Marxista da classe operária, tendo traduzido *Das Kapital* para inglês.

¹⁴ Foi Engels quem formulou a definição clássica de realismo, como implicando, além da ‘verdade de detalhes’, ‘a reprodução fiel de personagens típicos sob circunstâncias típicas’. A representação realista, na perspetiva de Marx e Engels, não é uma mera cópia da realidade, mas um modo de aceder à essência de um fenómeno, um método de generalização artística que permite revelar os traços típicos de uma época particular. Ver Engels (1975).

¹⁵ A romancista Elizabeth Cleghorn Gaskell (1810-1865) produziu livros como reação à forte industrialização de Manchester, cidade onde viveu grande parte da sua vida e onde conheceu de perto a difícil realidade da classe operária, a qual procurou retratar. Em 1853, Gaskell publicou o controverso *Ruth*, a história pungente de uma costureira seduzida; e, em 1855, publicou *O Norte e o Sul*, um estudo detalhado das tensões entre os ricos proprietários fabris e os seus trabalhadores carenciados.

ano em que Marx e Engels escreveram o *Manifesto Comunista* e poucos anos depois de Engels escrever *A Condição da Classe Trabalhadora na Inglaterra*, em 1844 e 1845, estudo que Marx cita várias vezes em *O Capital*. O romance lida diretamente com a classe trabalhadora inglesa e as suas vidas e tragédias formam a substância principal da escrita; os seus destinos são decididos pelo fluxo e refluxo económico, com as suas ondas recorrentes de aumento e queda de salários e desemprego. Vivem e lutam num período de sindicalização incipiente, poucos recursos legais e violência de classes (presente na imagem dos agitadores cartistas). A história de Gaskell pretendia inspirar simpatia e compreensão pelos trabalhadores, por parte da classe média, mas demonstra pouca identificação com os esforços daqueles para se organizarem no sentido de defenderem os seus próprios interesses. É o espírito de *Das Kapital*, porém, que uma cena em *Mary Barton* parece ilustrar: John Barton, um líder cartista desempregado vê a esposa do seu patrão – um industrial rico – a sair de uma loja carregada de compras. Barton está não só faminto, mas o seu filho está prestes a morrer e, perante esse enorme contraste, exclama: ‘nós aumentamos as fortunas deles com o suor do nosso rosto’. Mas, no final do romance, Barton, atormentado pela sua culpa (num ato de violência), acaba por morrer de forma conciliadora e cristã nos braços do seu empregador. É ao introduzir o elemento religioso na resolução do seu romance industrial que Gaskell, esposa de um clérigo protestante, subverte a sua suposta questionação dessas diferenças. Para Marx, pelo contrário, a religião era uma ilusão, ‘o ópio do povo’; como tal, não poderia haver reconciliação, mas apenas revolução.

Tal como um bom romance realista vitoriano, à semelhança talvez de um *Hard Times* de Dickens, *O Capital* de Marx equilibra a expansividade social que caracteriza o real com a necessária interioridade psicológica que define o género.¹⁶ *Das Kapital*, cujo primeiro volume foi publicado em 1867, pertence integralmente a uma era literária que abrange obras como *Oliver Twist* (1837-39) de Dickens e *Felix Holt, o Radical* (1866) de Eliot, unindo os dois decisivos atos de reforma de 1832 e 1867, durante os quais a ficção inglesa se transformou num instrumento crítico formidável e num poderoso reflexo de mudança social, política e educacional.¹⁷ Tal como nesses romances, a autoridade desta obra de Marx é suportada não tanto na teoria socialista, mas principalmente nos relatórios do governo britânico: ele ‘trabalha’ continuamente aquele excesso de detalhes a que Barthes chamou ‘o efeito de realidade’. Porque é, em simultâneo, científico e estético, um discurso da história e da individualidade, da materialidade e da consciência, procurando nada menos do que ‘a causa fundamental da miséria do mundo’. Além do mais, *O Capital* constela as suas ideias ritmicamente, no próprio ritmo da narrativa e, poeticamente, na livre circulação de tropos. Uma vez que grande parte do seu tempo na Inglaterra, particularmente os primeiros quinze anos, foi ocupada no estudo da Economia Política, Marx viu nessa teoria uma janela para a ideologia dominante do governo burguês. E, por ‘crítica da economia política’ (o subtítulo presente na obra), Marx entendia traçar a direção para o derrube efetivo da sociedade burguesa, cuja estrutura se espelhava sobretudo nas teorias mais áridas e desumanas dos economistas políticos ingleses, como Adam Smith, Jeremy Bentham, James Mill e David

¹⁶ Em *Hard Times-For These Times (Tempos Difíceis)*, publicado em 1854, a história desenrola-se na fictícia Coketown, uma pequena cidade fabril do norte da Inglaterra, parcialmente baseada na Preston do século XIX. Trata-se de uma crítica feroz, levada ao extremo, das consequências nefastas das teorias utilitaristas dos economistas políticos na vida pública e privada de diversas personagens, sobretudo da classe média e da classe operária, abarcando questões educacionais, laborais e de género. Ver Marx (1987) e Aberbach (2018).

¹⁷ Disraeli, em *Sybil* (1845), atacava o ‘espírito de cobiça voraz’ na Inglaterra, a divisão entre ‘duas nações’: os ricos e os pobres, ignorantes uns dos outros, habitantes de mundos diferentes, sob a mesma rainha. George Eliot, enquanto criança, tinha testemunhado um dos muitos motins organizados por trabalhadores famintos, cujos meios de subsistência se viam ameaçados pelos avanços da indústria. Ver Kornbluh (2007).

Ricardo.¹⁸ Marx via o capitalismo como um mal em si mesmo e também como a causa da intrínseca incompatibilidade entre patrões e trabalhadores; aqueles eram motivados principalmente pela ganância e pela necessidade de exploração; logo, os trabalhadores deveriam assumir o controle da produção para não serem explorados até à morte.

Foi a sua ligação à ‘Internacional’ – a Associação Internacional dos Trabalhadores (IWMA) – que mais fortemente garantiu a reputação de Marx na Inglaterra. Embora não tenha desempenhado um papel significativo na fundação da mesma, Marx estabeleceu desde logo uma posição de liderança dentro dela, como resultado das suas habilidades de redação e organizacionais, do seu conhecimento do movimento operário europeu e do seu sentido de propósito.¹⁹ No entanto, a Internacional estava aparentemente mais preocupada com questões de carácter doméstico, incluindo o livre comércio, a questão irlandesa, a nacionalização da terra, a limitação do dia de trabalho, e o uso do trabalho infantil. A par destas influências locais, e das respetivas diferenças nos seus propósitos, Marx (re)conhecia a existência de uma longa, e muito distinta, tradição no socialismo britânico, que ia de Thomas More a Thomas Spence. E Marx via o Cartismo como representando a secção politicamente mais avançada – dado o sistema de classes que vigorava no país, a concretização das exigências ‘democráticas’ desse movimento teria consequências ‘socialistas’ de longo alcance. Marx leu amplamente entre os escritos Cartistas, e os historiadores modernos encontraram provas dessa influência na análise que ele faz da política britânica.²⁰ Apesar da sua natural relutância face a ‘esquemas’ mais utópicos ou conservadores, Marx aprovou certos elementos presentes na visão utópica do socialista e cooperativista galês Robert Owen (1771-1858), nomeadamente as suas tentativas pioneiras de educar os jovens e de ultrapassar a divisão prevalecte entre a cidade e o campo.²¹ Marx considerava que a avaliação da sociedade que tinha sido feita por Owen estava repleta de materiais críticos valiosos, incluindo a sua crítica ao carácter degradante do trabalho sob o capitalismo e da propriedade privada como sendo a causa principal desses e de outros problemas sociais.²²

Após a morte de Marx, em 1883, surgiu na Grã-Bretanha uma primeira geração póstuma de socialistas que foram, direta ou indiretamente, influenciados pelas suas ideias. Esses relatos geralmente começam no início da década de 1880 e referem três figuras principais – Henry

¹⁸ Apesar de tudo, a teoria de Marx tomou como ponto de partida os economistas clássicos britânicos. Seguiu A. Smith na sua afirmação de que o benefício económico do capitalismo era um rápido crescimento na produtividade. A tese de Malthus de que o crescimento populacional era a causa dos salários de subsistência dos trabalhadores, fez com que Marx desenvolvesse uma teoria alternativa. E é na teoria de Ricardo que surge a ideia de que os salários e os lucros estavam inversamente relacionados. Ver Claeys (1991).

¹⁹ Muitos textos de Marx apareceram, pela primeira vez, sob os auspícios da Internacional: O "Inaugural Address" de 1864, o panfleto "Valor, Preço e Lucro" de 1865 e duas comunicações muito lidas no seio da IWMA, sobre a guerra franco-prussiana e a Proclamação da República Francesa, respetivamente. Ver Collins (1965).

²⁰ A primeira versão inglesa do *Manifesto Comunista* apareceu no *Republicano Vermelho*, em novembro de 1850, numa tradução pouco conhecida da escritora cartista Helen Macfarlane. Marx participou também em certas manifestações cartistas, incluindo os protestos em massa de 24 de junho e 1 de julho de 1855 contra as restrições impostas ao comércio de domingo. Ver Draper (1998).

²¹ Robert Owen era coproprietário e gerente de uma fábrica em New Lanark (Escócia). Ali reduziu a jornada de trabalho para 10,5 horas diárias – um avanço para a época, já que a jornada dos operários têxteis era de 14 a 16 horas. Preocupou-se ainda com a qualidade de vida dos seus empregados, construindo casas para as famílias dos operários, o primeiro jardim-de-infância e a primeira cooperativa. Owen fundou ainda, nos Estados Unidos, a colónia socialista *New Harmony (Nova Harmonia)*.

²² Em 1857-8, nos chamados *Grundrisse (Fundamentos)*, Marx cita várias passagens nas quais Owen retrata os trabalhadores roubados da sua saúde, tanto pela monotonia como pelo esgotamento do trabalho, assim como o tratamento instrumental que é dado aos seres humanos no capitalismo: não apenas como se fossem máquinas, mas máquinas secundárias e inferiores. Ver Owen (1993).

Mayers Hyndman, Ernest Belfort Bax e William Morris. Hyndman (1842-1921) foi o primeiro marxista britânico a influenciar fortemente outros socialistas britânicos importantes, na década de 1880, embora a sua personalidade difícil (era muito autoritário) tenha antagonizado a maioria deles e diminuído a sua eficácia política. Educado no Trinity College, em Cambridge, Hyndman viajou bastante e trabalhou como jornalista em Londres (de 1871 a 1880). Convertido ao marxismo, na leitura de *Das Kapital* em 1880, ele juntou-se a vários outros radicais na fundação da Federação Democrática. Na sua primeira conferência (em junho de 1881), ele escreveu *England for All*, o primeiro livro socialista publicado na Inglaterra desde o declínio do movimento reformista de Robert Owen, na década de 1830. Neste trabalho, ele expôs as teorias de Marx, o qual se ofendeu, no entanto, porque Hyndman não fez o reconhecimento necessário dessa dívida intelectual.²³ Em 1884, a Federação Democrática foi renomeada como Federação Social-Democrata (SDF) e, dentro dela, muitos socialistas, incluindo William Morris, John Elliot Burns e George Lansbury, foram conduzidos ao marxismo por Hyndman.

Ernest Belfort Bax (1854-1926) foi um intelectual interessado na filosofia alemã, cujo envolvimento com a política socialista foi dificultado pelas suas visões idiossincráticas. Em 1881, Bax escreveu um artigo no *Modern Thought* sobre a vida e as ideias de Marx, como parte da série "Líderes do Pensamento Moderno". Marx considerou-o um texto bastante condescendente, mas acolheu bem o entusiasmo do jovem pelas suas ideias económicas e políticas. Em 1882, Bax juntou-se à Federação Social-Democrata, mas, impressionado com a visão crítica de William Morris, decidiu apoiá-lo nas suas disputas com o líder do partido, Hyndman. Em 1884, juntou-se assim a Morris, Eleanor Marx e Edward Aveling, deixando a SDF e formando, com estes três, a Liga Socialista. Bax e Morris escreveram conjuntamente o Manifesto da Liga Socialista, onde declararam que a organização procuraria 'educar e organizar a opinião pública para a transformação da Grã-Bretanha numa sociedade verdadeiramente socializada'.²⁴ Bax co-editou o jornal do partido, *Commonweal*, com Morris; alguns artigos escritos por Bax e Morris apareceram mais tarde no livro que os dois escreveram em conjunto, *Socialism, Its Growth and Outcome*. Nos seus livros *The Religion of Socialism* (1887) e *Ethics of Socialism* (1889), Bax defendeu que as dimensões política e religiosa do socialismo deveriam consistir no 'republicanismo internacional' e no 'humanismo ateu', respetivamente.

William Morris (1834-1896), que foi designer, poeta, romancista, tradutor e ativista, foi profundamente influenciado pelo medievalismo durante a sua formação em estudos clássicos, na Universidade de Oxford, criando laços de amizade com os artistas Pré-Rafaelitas.²⁵ Liderando o movimento artístico britânico *Arts & Crafts* (Artes e Ofícios), foi um dos principais contribuidores para o revivalismo das artes têxteis e métodos tradicionais de produção. O entusiasmo nostálgico pelas organizações medievais de artesãos, assim como as opiniões contrárias aos ideários do capitalismo e da produção em massa, são as linhas de orientação do

²³ Em 1881, Hyndman tinha incluído dois capítulos de *O Capital* na sua obra *Inglaterra para Todos*, mas referenciava apenas um 'grande pensador e escritor original' como sua fonte. Ver Bevir (2011)

²⁴ Ver Willis (1977) e Leopold (2014) sobre este manifesto e o surgimento do socialismo. Sobre Marx e Bax, ver Cowley (1992).

²⁵ A Irmandade Pré-Rafaelita, fundada em 1848, foi um movimento poético, pictórico e de crítica de arte londrino, cujas obras, assinadas com a sigla 'PRB', causaram escândalo estético e ético. Inspirando-se na arte italiana anterior a Rafael, os seus membros mais célebres – os pintores e poetas Dante Gabriel Rossetti e William Morris, os pintores John Everett Millais e William Holman Hunt – eliminam da arte a moral puritana e mostram os males da civilização industrial. Os Pré-Rafaelitas estavam atentos aos problemas sociais e ao mundo da ciência, explorando os detalhes e a exuberância de cores, de ligação com a natureza, daí resultando um realismo minucioso.

trabalho e filosofia de vida deste socialista convicto.²⁶ A sua empresa ‘Morris, Marshall, Faulkner & Co.’, fundada em 1861, ficaria famosa pela produção de tecidos estampados e papéis pintados com motivos vegetais e florais, os quais simbolizavam o seu conceito de arte viva, útil e ao alcance de todos (uma ‘arte para o povo’), mas também por usar apenas mão de obra manual e as oficinas serem administradas por cooperativas de trabalhadores, os quais recebiam um salário justo. A sua descoberta de Marx, e de uma teoria coerente que pudesse ligar a sua própria crítica da sociedade a uma maneira eficaz de a mudar, encheu-o de entusiasmo. Morris foi, assim, um dos primeiros a ingressar na Federação Social-Democrata, em 1883, vindo depois a tornar-se o responsável pela nova Liga Socialista (e respetivo jornal, *Commonweal*). Uma mudança política real, para Morris, implicava agora que o povo assumisse, para o bem da comunidade, todos os meios de produção.

Morris é, assim, o único teórico de originalidade e estatura cujo trabalho tem afinidades significativas com Marx, nomeadamente afinidades estruturais entre o seu romance utópico, *Notícias de Lugar Nenhum* (1890) e a própria visão do socialismo de Marx.²⁷ Por exemplo, ‘Nowhere’ supera, no seu final, a divisão entre o urbano e o rural e o desenvolvimento desta comunidade parece seguir os dois estágios históricos delineados por Marx – organizados de acordo com o princípio da contribuição (‘de cada um de acordo com as suas habilidades, para cada um de acordo com o seu trabalho’) e o princípio da necessidade (‘de cada um de acordo com as suas habilidades, para cada um de acordo com as suas necessidades’), respetivamente. Em alguns casos, as ideias de Morris – por exemplo, a sua insistência tanto no carácter degradante do trabalho no capitalismo contemporâneo como na importância da realização pessoal no trabalho, para uma boa sociedade do futuro – parecem corroborar fielmente as ideias de Marx.

Mas um dos maiores legados de Marx – uma sua versão no feminino e também a mais inglesa de todas – terá sido a extraordinária Eleanor Marx (1855-98), a terceira filha que ele teve com Jenny, e uma das figuras radicais mais negligenciadas da história. O trabalho de Eleanor contribuiu muito para a divulgação das ideias de Marx na Grã-Bretanha: ela fez palestras enérgicas perante multidões superiores a cem mil pessoas, fez campanhas pelos trabalhadores e, com o seu jornalismo, deu voz às lutas laborais que afetavam especificamente as mulheres. Excelente linguista, tradutora, palestrante e escritora, Eleanor trabalhou incansavelmente pela causa do socialismo entre anarquistas, radicais e feministas das seitas socialistas de Londres e da Segunda Internacional.²⁸ Foi secretária do pai, acompanhando-o em encontros internacionais, tendo tido ainda a responsabilidade de preparar os seus manuscritos inacabados para publicação.²⁹ Foi também promotora da educação de adultos e do sindicalismo na Inglaterra.³⁰ Como uma das

²⁶ Morris concebia o socialismo como uma sociedade idealizada, na qual as máquinas seriam completamente substituídas pelo trabalho manual, e as bases da ordem social e política se transformariam em comunidades ou cooperativas; as relações entre homem e natureza seriam de harmonia, a ganância desapareceria, assim como a propriedade privada. Ver Meier (1973) e Nineham (1996).

²⁷ *News from Nowhere; or, An Epoch of Rest, Being Some Chapters from a Utopian Romance* foi publicado em *The Commonweal*, em 1890. Consiste numa visão da Inglaterra no ano de 2090, apresentada como um sonho do protagonista William Guest, um disfarce ténue do próprio Morris. A pobreza, a miséria e as fábricas desapareceram, juntamente com o dinheiro, o sistema legal e o próprio governo; apenas o trabalho, a arte e a natureza são enobrecidos. Essas melhorias provam ter sido provocadas por uma violenta revolução socialista. Morris imagina um futuro em que a propriedade comum e o controle democrático da produção são baseados num paraíso pastoral.

²⁸ Em 1871, Eleanor juntou-se a Hippolyte Lissagaray e ajudou-o a escrever a *História da Comuna*. E, em 1876, envolveu-se na campanha pela igualdade das mulheres apoiando uma candidata à direção do ‘London School Board’. Ver Stokes (2000).

²⁹ Antes da sua morte, Karl Marx dera a Eleanor a tarefa de preparar os seus manuscritos inacabados para publicação. Eleanor também tinha a tarefa de tratar da publicação inglesa de *Das Kapital*.

³⁰ Era conhecida como "Our Mother" entre os trabalhadores. No seu funeral, Will Thorne, o líder sindical, que começara a trabalhar aos seis anos de idade, exprimiu a sua gratidão pelo modo como ela o orientara, dando-lhe a educação de que fora privado. Ver Holmes (2014).

melhores oradoras, foi eleita para o executivo da SDF, mas discordando da maneira ditatorial de Hyndman, em 1884 juntou-se a William Morris para formar a Liga Socialista. Passando a defender abertamente o socialismo internacional revolucionário, em 1885 ajudou a organizar o Congresso Internacional Socialista em Paris e trabalhou com Clementina Black na ‘Women’s Trade Union League’.³¹ Eleanor escreveu vários livros e artigos, incluindo *O Inferno da Fábrica* (1885), *A Questão das Mulheres* (1886),³² *Os Movimentos da Classe Operária na América* (1888), *O Socialismo de Shelley* (1888) e *O Movimento da Classe Trabalhadora na Inglaterra* (1896).

Eleanor Marx saiu ao mundo para pôr em prática, e testar, tudo aquilo que tinha aprendido com Marx e com Engels. Mas a sua determinação também a conduziu a outros mundos: os meios boémios do teatro moderno radical, do romance contemporâneo e dos círculos artísticos da Bloomsbury. Fruto do convívio com o seu pai, Eleanor teve sempre um gosto particular pela literatura e foi responsável pela primeira tradução inglesa do polémico *Madame Bovary* de Flaubert; era também uma entusiasta de Ibsen, aprendendo norueguês para poder representar as respetivas peças, ao lado dos seus colegas famosos. Mas, impedida de prosseguir uma carreira como atriz (o seu sonho de sempre),³³ e repetidamente traída pelo seu companheiro (Edward Aveling), a talentosa Eleanor acabaria por se suicidar.³⁴ Ela tinha nascido numa Grã-Bretanha vitoriana, onde não tinha direito à educação, não podia votar ou candidatar-se ao parlamento, era excluída da maioria das profissões e, até, privada dos seus direitos reprodutivos. Numa época em que o pensamento esquerdista era dominado por homens instruídos, o seu trabalho demonstrou a relevância das mulheres na luta da classe trabalhadora. Ironicamente, assim que Eleanor entra na vida pública como uma pioneira do feminismo socialista, ela torna-se a vítima particular de um mestre manipulador. As tensões entre a pobreza e o desejo pela vida artística, entre o anseio pelo amor e a crueldade da traição, teriam causado uma crise de tal modo severa a Eleanor que nem a promessa política de um novo mundo conseguiu apaziguar. Mas, no processo de se exceder, Eleanor Marx mudou o mundo. Muitas das liberdades e benefícios da democracia britânica moderna são um resultado direto das atividades de Eleanor Marx, e de mulheres e homens como ela: o dia de trabalho de oito horas, a proibição do trabalho infantil, o acesso igual à educação, a liberdade de expressão, o sufrágio universal.

Obras Citadas e Consultadas

ABERBACH, David (2018), “Reading *Das Kapital* as a Victorian Crime Novel”, *Times Literary Supplement*, May 1. <https://www.the-tls.co.uk/articles/public/blind-outrage-das-kapital/>

³¹ Eleanor auxiliou Annie Besant a organizar a sua bem-sucedida greve das vendedoras de fósforos. Ajudou Thorne a organizar o Sindicato Nacional dos Trabalhadores de Gás e Trabalhadores Gerais e, em 1889, envolveu-se na Greve dos Estivadores, liderada por Ben Tillet.

³² A sua filosofia do feminismo socialista foi resumida no seu tratado *A Questão da Mulher: de um ponto de vista socialista*, co-escrito com Edward Aveling. Pela sua importância revolucionária, é um texto que pode ser colocado a par da *Declaração dos Direitos das Mulheres*, de Mary Wollstonecraft, da *Origem da Propriedade Privada, da Família e do Estado* de Engels e de *A Room of One’s Own*, de Virginia Woolf.

³³ Por volta de 1880, Eleanor interessou-se pelo teatro e chegou a ponderar uma carreira como atriz. Tal como Elizabeth Robins, Eleanor era uma forte defensora das peças de Henrik Ibsen. Ela acreditava que o teatro poderia desempenhar um papel importante na rejeição das visões tradicionalistas acerca do amor e do casamento e como meio de divulgação do socialismo.

³⁴ De 1884 até à sua morte, aos 43 anos, Eleanor viveu numa ‘união livre’ com Edward Aveling. Segundo Bernard Shaw, Aveling não tinha escrúpulos na sua vida privada. As suas infidelidades, escândalos financeiros e traições levaram Eleanor ao suicídio, após uma relação de catorze anos. Ver Holmes (2014).

- ALIZADEH, Ali (2017), "Marx and Art: Use, Value, Poetry", *Continental Thought and Theory: A Journal of Intellectual Freedom*, Volume 1 Issue 4: *150 years of Capital*, 587-615.
- ASHTON, R. (1986), *Little Germany. Exile and Asylum in Victorian England*, Oxford, Oxford University Press.
- BERLIN, Isaiah (1839, 1848), *Karl Marx*, ed. Henry Hardy, Princeton N.J., Princeton University Press.
- BEVIR, M. (2011), *The Making of British Socialism*, Princeton NJ, Princeton University Press.
- BRIGGS, A. and Callow, J. (2008), *Marx in London. An Illustrated Guide*, London, Lawrence and Wishart.
- CLAEYS, G. (1987), *Machinery, Money and the Millennium. From Moral Economy to Socialism, 1815-1860*, Cambridge, Polity Press.
- COLLINS, H. and Abramsky, C. (1965), *Karl Marx and the British Labour Movement. Years Of the First International*, London, Macmillan.
- COWLEY, J. (1992), *The Victorian Encounter with Marx. A Study of Ernest Belfort Bax*, London, British Academic Press.
- DRAPER, H. (1998), *The Adventures of the Communist Manifesto*, Berkeley, Center for Socialist History.
- EAGLETON, Terry (1978), *Marxismo e Literatura*, Porto, Afrontamento.
- ENGELS, F. (1975), 'Letters from London', *Marx Engels Collected Works*, volume 3, London, Lawrence & Wishart, 379- 391.
- GLOVER, David (2012), *Literature, Immigration, and Diaspora in Fin-de-Siècle England*, Cambridge, Cambridge University Press.
- HOBSBAWM, E.J. (1964), "Dr Marx and the Victorian Critics", *Labouring Men. Studies in Labour History*, London, Wiedenfeld and Nicolson, 239-249.
- HOLMES, Rachel (2014), *Eleanor Marx: A Life*, London, Bloomsbury.
- HOVELL, Mark (1966), *The Chartist Movement*, Manchester, Manchester University Press.
- JONES, Gareth Stedman (2016), *Karl Marx: Greatness and Illusion*, Allen Lane, Harvard University Press,
- KORNBLUH, Anna (2007). "On Marx's Victorian Novel." *Mediations*, Journal of the Marxist Literary Group, Volume 25, No. 1. <http://www.mediationsjournal.org/articles/on-marx-s-victorian-novel>
- LATTEK, Christine (2006), *Revolutionary Refugees: German Socialism in Britain, 1840-1860*, Vol.2 of Routledge Studies in Modern British History, London and New York, Routledge.
- LEOPOLD, David (2014), "Karl Marx and British Socialism", *The Oxford Handbook of British Philosophy in the Nineteenth Century*, Edited by W.J. Mander, 1-5.
- MARX, K. (1987), *Capital, Marx Engels Collected Works*, volume 35, London: Lawrence & Wishart.
- MEIER, P. (1978), *William Morris. The Marxist Dreamer*, Brighton, Harvester Press.
- MORRIS, W. (2003), *News from Nowhere*, ed. D. Leopold, Oxford, Oxford University Press.
- NINEHAM, Chris (1996), "Socialist by Design", *Socialist Review*, Issue 196, April 1996. <http://pubs.socialistreviewindex.org.uk/sr196/nineham.htm>
- OWEN, R. (1993), 'A New View of Society', *Selected Writings of Robert Owen*, volume 1, ed. G. Claeys, London, Pickering and Chatto, 23-100.
- PIERSON, S. (1973), *Marxism and the Origins of British Socialism. The Struggle for a New Consciousness*, Ithaca, NY, Cornell University Press.
- PRAWER, S.S. (1976), *Karl Marx and World Literature*, Oxford, Oxford University Press.
- STOKES, John ed. (2000), *Eleanor Marx (1855-1898). Life, Work, Contacts*, History of Feminism, Routledge.
- WILLIS, K. (1977), "The Introduction and Critical Reception of Marxist Thought in Britain, 1850-1900", *The Historical Journal*, volume 20/2, 417-459.